



BREVES SINALIZAÇÕES SOBRE O TRABALHO DAS MULHERES DE BARRO ALTO

Solange Pereira do Nascimento¹
Iraildes Caldas Torres²

Este breve trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla intitulada “Tecendo os fios da agricultura familiar com o gênero e o meio ambiente em duas comunidades amazônicas: *oethos* das mulheres da floresta” desenvolvida pela Universidade Federal do Amazonas em parceria com o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Fazer pesquisa na Amazônia, não é tarefa fácil, tendo em vista as longas distâncias e muitas vezes as dificuldades de acesso aos lugares mais longínquos. A Comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto está localizada à margem direita do Médio Solimões subindo o rio a 97 km da cidade de Coari/AM.

O nosso objetivo é o de entender as relações de gênero presentes no trabalho da roça desenvolvidos por mulheres e homens da comunidade e o processo de invisibilização que elas sofrem por serem consideradas ou mesmo por se considerarem como ‘ajudadoras’ do marido e não trabalhadoras.

Diante de tantos desafios em relação às questões de gênero presentes nas mais diversas relações sociais Heidegger (2004) diz que para “o pensamento não há lugar preenchido num tempo ocupado. Tudo está vazio de realização. Só o saber, só o fazer, só o crer, só o sentir não são suficientemente pobres, nem bastante desprendidos para a embriaguez que se entrega ao imprevisível, para a paixão que se abandona ao inesperado”. Dessa forma, entendemos que falar desses sujeitos é também participar de suas vidas ainda que de maneira indireta e isso nos possibilita ouvir suas vozes, sentir suas angústias e sem dúvida alguma estar diante de um novo fazer e de um novo ser numa dinâmica própria dos habitantes naturais da Amazônia.

¹ Professora da Universidade do Estado do Amazonas. Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas.

² Professora da Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Ciências Sociais/Antropologia



A pesquisa tem como aporte metodológico as abordagens qualitativas e etnográficas em que essa forma de proceder implica em analisar os significados dados pelos indivíduos às suas ações no meio social em que suas vidas e relações são construídas. Ouvimos em entrevista 26 mulheres da comunidade, aplicamos questionário socioeconômico e participamos de algumas atividades da roça de modo informal para sentirmos mais diretamente como é o dia-a-dia dessas mulheres guerreiras do Barro Alto.

Em relação à questão do trabalho das mulheres, sabemos que no Barro Alto há combinação do trabalho doméstico com o trabalho agrícola de forma constante e intensa. A mulher da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto exerce uma dupla jornada de trabalho. Quando inquiridas sobre essa condição e ainda sem mencionar que também são mães e o cuidado com os filhos é tarefa delas, Selma, uma de nossas agricultoras entrevistadas nos diz que:

Eu prefiro a vida na roça. Lá o que a gente faz vê o resultado. Em casa a gente passa o dia todo arrumando e parece que não fez nada. Um vem tira uma coisa, outro pede outra e assim o dia passa e agente fica rodando igual peru e parece que tudo o que fez não serviu. Na roça se agente coloca um pé de mandioca lá, ele fica e depois você vê ele crescer, ficar bonito e agente comer e vender, ajudando assim a sustentar a casa (Selma – entrevista/2010).

Ao analisar gênero e trabalho na área rural Silva e Schneider (2010, p. 185) afirmam que “boa parte dos estudos sobre mulheres rurais realizados no Brasil sempre tendeu a considerá-las a partir de seu lugar dentro da unidade de produção, focalizando sua condição de trabalhadoras não remuneradas e com baixa valorização”. A fala de nossa entrevistada mostra que a mulher agricultora se sente inserida no trabalho da produção da mandioca, embora a própria ciência ainda não reconheça o seu lugar como trabalhadora na cadeia produtiva agrícola.

Mesmo participando intensamente do trabalho da roça “ombro a ombro” com o homem, e apesar de eventualmente opinar a respeito dos destinos da plantação, é marcante o papel subsidiário que elas desempenham nesses assuntos, confirmando o que diz Carrasco (2003), constatou-se que a mulher refere-se ao seu trabalho nesse período como “ajuda”, definindo-se como “mulher de agricultor” e não como



agricultora. A maioria delas nos diz que são donas de casa. Para algumas, a roça se torna até mesmo um momento de descanso dos serviços caseiros e não sua atividade principal.

Torres e Rodrigues (2010, p. 239) ao se referirem sobre o trabalho das mulheres no sistema produtivo da várzea amazônica, constataam que “a classificação de trabalho é dada somente às atividades realizadas pelo homem. As atividades feitas pelas mulheres não são vistas como trabalho e sim como tarefa ou atividade subsidiária, ou ainda, mera ajuda ao grupo doméstico”.

Esta pesquisa constata que a Prefeitura de Coari contrata a mão de obra de duas moradoras da comunidade, uma na função de professora e outra como merendeira. É interessante a esse propósito sinalizar para o fato de que o poder local parece valorizar a mão de obra de pessoas da comunidade, “na expectativa de estabelecer novas relações sociais intra e extra comunidade” (ALMEIDA e MANESCHY, 2001, p. 444).

Tabela 1. Renda Familiar da Comunidade do Barro Alto

Renda Familiar	Número de famílias
Menos de 1 salário Mínimo	14 famílias
Até 01 salário Mínimo	11 famílias
Até 02 salários mínimos	01 família
Aposentados	05 pessoas

Fonte: Pesquisa de campo/ 2010

Estes dados revelam que 54% das famílias sobrevivem com menos de 01 salário mínimo provenientes da venda de produtos agrícolas. De acordo com Almeida e Maneschy (2001) as famílias da área rural vivem basicamente da agricultura de alguns produtos, sobretudo mandioca, pupunha, açaí e pescado. Quanto aos proventos de aposentadoria, a pesquisa revela a existência de apenas 05 pessoas aposentadas, o que segundo Almeida e Maneschy (2001, p. 433) “além de com frequência trabalharem,



especialmente na lavoura, recebem aposentadorias e pensões que constituem uma das fontes seguras de renda para boa parte dos lares”.

Um outro dado importante é em relação ao destino dos produtos e a renda familiar mensal. Das 26 famílias entrevistadas verificamos que quatorze famílias vivem com um salário mínimo (R\$540,00), 11 famílias com até um salário mínimo e apenas uma família com mais de 2 salários mínimos.

Na época da venda da farinha, cada família pode fazer até no máximo R\$ 3.000,00 (três mil reais), o que significa que em época de derrubada e plantio, as famílias não podem contar com esta renda que vem diretamente da farinha já produzida. Para suprir as necessidades se faz necessário a venda de outros produtos como: banana, pupunha, pescado e açaí. Algumas famílias criam galinhas, porcos, ovelhas tanto para o consumo da casa quanto para vender o excedente.

Constatamos que boa parte das famílias do Barro Alto recebem o auxílio do bolsa família do Governo Federal e muitas das mulheres nos confirmaram que muitas vezes o sustento da casa fica condicionado a este rendimento, principalmente na entressafra da farinha.

Alguns homens mais jovens da comunidade também trabalham como diaristas em outras propriedades nos arredores cuidando de gado, fazendo roçados, derrubadas ou capina. As mulheres incrementam a economia da mandioca com a venda de artesanatos de uso doméstico tais como tapetes, paneiro, peneira e tipiti. Utensílios muito utilizados no preparo da farinha. Na comunidade é praticado frequentemente a troca de produtos por pequenos serviços tais como: um conserto de roupa por uma dúzia de ovos, um forro de crochê por uma palma de banana e assim por diante. Essa troca de produtos por serviços é algo muito natural entre as mulheres e ajuda a suprir as necessidades de uma e de outra quando da distância entre a comunidade e Coari e as condições financeiras nem sempre podem ser resolvidas a contento.

Outro dado expressivo é que na comunidade, muitas mulheres sabem trabalhar com a costura. Normalmente elas marcam encontros na casa de quem tem a máquina e ali entre uma costura e outra se dá um encontro entre comadres que travam assuntos de caráter feminino como nos disseram. Um momento que elas conversam sobre a casa, os filhos, o marido, a roça, os problemas de saúde, etc. Um momento em que partilham a



vida umas com as outras e assim vão se ajudando. Essa atividade não foi identificada por nós como atividade econômica, mas tão somente como um momento laboral como diz Arendt (2008).

Mesmo sendo a participação das mulheres expressiva em relação ao gerenciamento dos recursos econômicos provenientes da venda de produtos, ainda assim, das 26 mulheres entrevistadas 20 afirmaram que 71% dos homens gerenciam a renda familiar, enquanto que só 14% das mulheres é que administram a renda de suas casas.

Ressalte-se que dentre as entrevistadas algumas delas preferem não cuidar das ‘contas’ (despesas) da casa porque os maridos afirmam que elas não fazem os cálculos direito. É o que podemos perceber no relato abaixo:

Como eu sou viúva e moro com meu filho é ele que cuida do dinheiro. É ele que vai receber minha aposentadoria com meu cartão. Eu passo a senha para ele. Eu não gosto de mexer com banco e essas coisas. Eu prefiro ficar aqui em casa. É ele quem vai a Coari e resolve tudo. Mas, ele sempre me mantém informada dos gastos (Dona Cota, entrevista/2010).

Almeida e Maneschy (2001) consideram que pelo fato de essas mulheres idosas disporem de uma renda regular talvez explique a situação de seus filhos se apropriarem de seus rendimentos, muitas vezes não repassados aos próprios idosos. Neste caso de nossa entrevistada, o filho a mantém informada e executa o que fazer de acordo com aquilo que é repassado por ela.

Para as mulheres entrevistadas o principal responsável pelo sustento da família é o marido. É o que revela uma de nossas entrevistadas:

Meu marido é o principal responsável pelo nosso sustento porque é ele que pesca e caça. Da minha parte só entra a farinha que eu faço as galinhas, os patos e os carneiros que crio. É da criação que vendemos algum animal para comprar a roupa dos meninos. O material escolar da para comprar com o Bolsa Família (Maria Lúcia, entrevista/ 2010).

Desta fala podemos depreender que mesmo as mulheres trabalhando da roça e ajudando a sustentar a família com a renda que vem de tal atividade, ainda assim, tem uma velha concepção fruto de uma cultura patriarcal em que a figura masculina é o



provedor principal do lar. Para Panzutti (2006) o fato de trabalhar em igualdade de condições com o homem e ter certa liberdade de ação não significa para ela maior prestígio social. O prestígio é para o sexo masculino. Só os privilégios do homem vão dar a ele certa preponderância sobre a mulher.

Quando inquiridas sobre esta questão 50% das mulheres responderam que não há discriminação, mas outras 50% responderam que há sim discriminação e que de fato se tornam muitas vezes reféns do gosto do marido. Uma de nossas entrevistadas nos disse que:

Não sei mais quando eu usei uma calcinha de cor e tamanho que eu gostasse. É meu marido que desce até Coari. Eu digo pra ele comprar de um jeito, anoto tudo e ele sempre trás errado. Fazer o quê? Eu preciso o jeito é usar mesmo sem gostar. (entrevistada/2010)

Apesar de todas as dificuldades de ir até o livre comércio de Coari e adquirir o produto conforme sua necessidade pessoal, não justifica o fato do marido não conhecer os gostos pessoais da esposa e nunca acertar numa peça de roupa tão simples e que deveria de fato ser bastante conhecida, tendo em vista os anos de vida íntima. Ou mesmo obedecer segundo o que estava escrito na recomendação. Isso nos prova, o total desinteresse por parte dos homens em relação aos assuntos femininos como sendo de menor valor.

Dessa forma, entendemos porque as mulheres do Barro Alto estão divididas em opinião. Para metade das entrevistadas as atividades de casa são divididas com o marido e para a outra metade o marido não reconhece o trabalho doméstico e nem mesmo a importância desse trabalho na organização da família.

Para Heinen (2010) as questões de gênero aparecem permeando toda a análise envolvendo o espaço público e privado, cultura e identidade, bem como as relações de poder vividas pelas mulheres. Algumas têm consciência da importância do seu papel no processo produtivo envolvendo a família, enquanto que outras não percebem a submissão ostensiva ao gênero masculino. De acordo com a professora Ivone Silva,

O homem pode trair a sua mulher e fica tudo bem, ninguém fala nada. Mas, quando é a mulher que trai, todo mundo cai em cima e faz a mulher ir embora levando os filhos, ninguém perdoa. Não estou dizendo



que sou a favor disso, mas, acho que nesses casos as mulheres são mais discriminadas (Ivone Silva, entrevista/2010).

Para Scott (1994) o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças entre os sexos. Segundo a autora, o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder. Ou seja, as relações assimétricas ou as diferenças estabelecidas entre homens e mulheres dão sustentação às relações de poder exercidas pelo homem na sociedade, na medida em que ele aparece como figura proeminente em relação à mulher.

Um dado importante que aparece nesta pesquisa diz respeito ao fato de que, as mulheres do Barro Alto, reconhecem que o trabalho da roça garante o sustento da família durante seis a sete meses do ano. Depois desse período é preciso saber fazer o ‘milagre’ da economia doméstica para que o valor obtido com o lucro da farinha possa manter a família o ano inteiro. Uma das mulheres entrevistadas disse o seguinte:

Eu deposito tudo no banco e todo mês quando vou buscar o dinheiro dos meninos (bolsa família) eu retiro duzentos reais para passar o mês. É a única maneira de guardar o dinheiro da farinha que é o único dinheiro que disponho para o ano inteiro. Não deixo nas mãos do meu marido de jeito nenhum porque senão ele bebe tudo e a gente passa fome o resto do ano (Entrevista - Barro Alto/2010).

Note-se que na fala dessa entrevistada há uma preocupação com os rumos da economia doméstica. De acordo com Torres (2005) é a mulher o sujeito central na organização da economia doméstica. É ela quem se encarrega de fazer o planejamento da renda familiar, gerenciando de forma atenta e minuciosa os poucos recursos auferidos mensalmente. De fato as mulheres são preparadas para o cuidado com o bem-estar da família na medida em que o homem não tem o domínio da casa.

Percebe-se, portanto, que as mulheres têm uma visão mais ampla das atividades que exerce no mundo familiar. A ela cabe pensar nas necessidades da casa, dos filhos e do marido que nem sempre comunga das mesmas preocupações e interesses.

Uma das mulheres ouvidas nessa pesquisa revela o seguinte:



É o meu marido que cuida das compras. No início foi muito difícil para mim porque ele trazia tudo trocado. Eu mandava ele fazer de um jeito e ele fazia de outro. Era difícil acertar em alguma coisa. Trazia coisa demais de um jeito e esquecia do que precisava. Não é fácil. Os homens não tem aquela coisa que nós temos de comprar o que é certo e o que é preciso. Eles não tem paciência de procurar e trazem de qualquer jeito e a gente é que tem que se virar pra fazer dar certo. (Entrevista – Barro Alto/2010).

Essa fala é de suma importância para percebermos até que ponto as mulheres se submetem aos desmandos do marido. São tarefas comuns que um bom marido poderia cumprir sem nenhum problema. Afinal é algo que diz respeito às necessidades da casa e ele faz parte dela. Todavia, isso não é entendido dessa forma. Segato (2003) diz que a divisão entre a esfera pública e a esfera privada é de fato muito marcada. A cozinha é um lugar feminino ou está mais relacionado com os afazeres femininos. Isso não implica que não possa haver uma participação masculina também. Entender do ambiente da casa é próprio das mulheres e isso se apresenta como algo de menor valor ou muitas vezes sem nenhum significado para os homens. É a expressão mais profunda e adequada da cultura do patriarcado que as mantém sob a submissão e poder do macho, conforme diz Saffioti (1987).

Situações como os homens sabem negociar melhor os produtos, ter que cuidar da casa e das crianças, a distância muito grande do Barro Alto para Coari e a falta de com quem deixar os filhos menores, faz com que as mulheres repassem para os maridos esta responsabilidade que com passar do tempo vai se tornando habitual sem que elas percebam que essa é uma forma silenciosa de discriminação de gênero. Fischer (2010) a esse respeito diz que ‘mesmo com reconhecida habilidade para comercializar a produção agrícola, as mulheres tem autonomia limitada quanto ao tipo produto que podem negociar’.

Quando perguntamos se o esposo ajuda nos afazeres domésticos 69% das mulheres afirmaram que:

O marido só ajudava quando estava de quarentena no resguardo e depois não ajudava mais. Eles só vêm na cozinha para comer e nem o prato que come não lava. Dizem que o serviço de casa é trabalho de



mulher e que só ajuda quando está de bom humor. Reclamam dizendo que é muito sacrifício (várias informantes, entrevista/2010).

Algumas das mulheres podem até dispensar a ajuda dos maridos porque dizem que eles não sabem fazer as coisas de casa, estragam tudo, quebram os copos, fazem as coisas pela metade, se trata um peixe não lava as vasilhas, se carrega água não faz comida e se for para reclamar elas preferem fazer tudo sozinhas, porque dizem que fazem tudo de acordo com a sua vontade.

Observemos que de fato as mulheres não têm o apoio necessário de seus cônjuges em relação ao trabalho doméstico. Elas se sobrecarregam de afazeres, seja em casa ou na roça. Cada família tem em média mais de cinco filhos, o que exige mais ainda a presença constante da mãe e os cuidados maternos.

Dessa forma percebemos que as assimetrias de gênero estão presentes em todos os ambientes sociais independentemente de etnia, de classe social ou de lugar. As relações entre homens e mulheres e os aspectos de poder que os envolve estão presentes em todas as sociedades. Quando nos deparamos com esta comunidade em especial, nos chamou atenção a vida silenciada das mulheres que se escondem na figura dos maridos, tendo elas a maior participação em tudo que fazem dentro da comunidade.

Podemos depreender dessa pesquisa, ainda que seja apenas uma de suas partes que é importante continuar pesquisando sobre as mulheres na Amazônia sob as luzes da categoria de gênero. As mulheres do Barro Alto são expressões do feminino ocultado em meio aos revezes da vida sendo confundidas muitas vezes, apenas como mais uma coisa em meio a tantas e não como pessoas autônomas e produtivas que geram renda com a força do seu trabalho e estão presentes em todos os momentos da produção da mandioca, desde o plantio até seu beneficiamento e ainda sem esquecer que também são esposas e mães, portanto enfrentam dupla jornada de trabalho.

Esses e outros desafios permanecem para nós pesquisadores na Amazônia e em tantos outros lugares que compartilhamos da utopia de um mundo sem exploração e sem opressão, onde as mulheres, as crianças, os jovens e os homens possam partilhar suas vidas sem que necessariamente estejam marcadas pelo sexismo e preconceito de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ALMEIDA, Marineide Pereiradee MANESCHY, Maria Cristina. **Pesca e Lavoura: espaços de complementariedade.** In: FERREIRA, Mary (org.). *Ossabere e os poderes das mulheres: a construção do gênero.* São Luís. Edufma/Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Mulher, Cidadania e Relações de Gênero. Salvador: Redor, 2

ARENDDT, Hanna. *A condição humana.* Trad. de Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

CARRASCO, Cristina. *A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres in A produção do viver: ensaios de economia feminista.* Nalu Faria (org). *Cadernos Sempre Viva.* Série Gênero, Políticas Públicas e Cidadania, 7. SP: SOF, 2003

FISCHER, Izaura R. *Relações de gênero na agricultura familiar no acampamento de Sem Terra do Engenho Prado in agricultura familiar e gênero: práticas e políticas públicas.* Parry Scott (org). 2 ed. Recife. Universidade da UFPE, 2010

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo – parte 1.* Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 13 ed. Vozes, Petrópolis, RJ: 2004

HEINEN, Jacqueline. *Políticas Familiares na Europa do Leste: uma época a outra. in Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres* Nalu Faria (org). *Cadernos Sempre Viva.* Série Economia e Feminismo 2 SP: SOF, 2010

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade.** In: Série Antropológica n° 322. Brasília, DF: Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, 2002.

PANZUTTI, Nilce da Penha Migueles. *Mulher Rural: eminência oculta.* Campinas, SP. Editora Alínea, 2006

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho.* SP: Moderna, 1987

SCOTT, Joan Wallach. *Gender and politics of history.* Columbia University Press. Trad. Mariza Correa. N.Y: 1988 *in Cadernos Pagu* (3) 1994: pp. 11 -27

SEGATO, Rita Laura. *Uma agenda de ações afirmativas para as mulheres indígenas do Brasil.* Série Antropologia (326). UNB. Brasília: 2003

SILVA, Carolina Braz de Castilho e SCHNEIDER, Sergio. *Gênero, Trabalho rural e pluralidade.* In *Gênero e Geração em contextos rurais.* Parry Scott (org). Ilha de Santa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Catarina: Ed. Mulheres, 2010

TORRES, Iraildes Caldas. As novas Amazônidas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005

TORRES, Iraildes Caldas. RODRIGUES, Luana Mesquita. O trabalho das mulheres no sistema produtivo da várzea amazônica *in* Gênero e Geração em contextos rurais. Parry Scott (org). Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010

WAGLEY, Charles – Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos. TRD. Clotilde da Silva Costa. 3 ed. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1988